

**VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT) – Comunicação de Líder:**

(Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Em nome da bancada do PT – Ver. Marcelo Sgarbossa, Ver. Engº Comassetto, Ver. Adeli Sell – e também em nome da nobre e querida deputada Sofia Cavedon, que nos prestigia nesta tarde, queria dizer algumas palavras de extrema importância. Existem governos que têm um tratamento, eu diria, próximo, solidário, fraterno; e existem outros que promovem a desigualdade. Digo isso porque promover a

desigualdade é não dar o espaço ou não manter aquilo que é público e que é estendido para todas as classes sociais, embora as que mais vêm à Escola Emílio Meyer e à Liberato Salzano são a pessoas de menor poder aquisitivo e que querem buscar o ensino público gratuito. Aqueles mais aquinhoados buscam, é claro, escolas particulares, e sempre poderão frequentar escolas particulares. Na medida em que o poder público não oferece mais o espaço que é público, gratuito, as pessoas passam a ter dificuldades e não só de concluir o ensino médio, o ensino técnico, mas também de concluir e perceber que é possível almejar um sonho, no futuro, que é fazer uma universidade e ser alguém profissionalmente, professora. Nós percebemos, aqui em Porto Alegre, que, quando o Prefeito Municipal cancela a possibilidade de novas vagas no ensino médio, no Liberato Salzano, ou orienta a diretora para não abrir mais matrículas no próximo ano, é, de fato, um soco na sociedade porto-alegrense, pessoal. É dizer que o dinheiro público não será mais investido naquilo que tem de continuar público: o acesso à saúde, à educação, à segurança, à assistência social e tantas outras coisas. Então, nós precisamos diferenciar os governos, os que têm uma política de inclusão e os que têm uma política de exclusão. Vão abrindo as portas, seja na saúde 24 horas, seja na educação, para que todos decidam se querem ensino público ou se querem o ensino privado. Aqui está a lógica dos governos neoliberais e governos que olham que o mundo, a sociedade e as cidades sejam uma coisa só, ou seja, é uma floresta e não parte dela.

Então, queria, nesse dia, dizer que a indignação de vocês é a nossa indignação na medida em que os governos que não priorizam a educação, a saúde e a segurança, acabam privatizando esses serviços. Não abrir mais escolas públicas, não abrir mais prontos atendimentos ou terceirizar, criar concessões ou privatizar é entregar parte daquilo que é função pública do Estado para a iniciativa privada. E aí eles olham a saúde

e a educação, como se fosse algo para ter lucro. E nós não queremos ter lucros, queremos dar acesso a todos, com direitos e com dignidade. Mas, infelizmente, podemos perceber, em nível federal, estadual e municipal, que as três esferas de governo não têm mais este olhar para toda a sociedade, mas para parte dela; parece que agora é preciso ter lucro naquilo que achamos fundamental, essencial, universal: a saúde e a educação como direito fundamental de toda pessoa humana. Portanto, nossa indignação somada com a de vocês naquela ideia de querer fechar a Escola Emílio Meyer. Diga não ao fechamento, diga sim ao espaço público de toda população! Muito obrigado. (Palmas.)

(Texto sem revisão final.)